

## A ATUAÇÃO DAS MODALIDADES EPISTÊMICAS ‘PRESSUPOSIÇÃO’ E ‘IRREALIS’ NO USO DOS PRETÉRITOS PERFEITO SIMPLES E PERFEITO COMPOSTO EM ESPANHOL

### *THE PERFORMANCE OF THE EPISTEMIC MODALITIES ‘PRESUPPOSITION’ AND ‘IRREALIS’ IN THE USE OF THE SIMPLE PAST AND PRESENT PERFECT SPANISH TENSES*

Leandra Cristina de Oliveira<sup>1</sup>  
Doutoranda em Lingüística - UFSC - CAPES

#### **Resumo**

Considerando as especificidades discursivas dos pretéritos perfeito simples e perfeito composto castelhanos, proponho, neste trabalho, analisar a modalidade como variável relevante na escolha por uma dessas formas verbais. A discussão, fundamentada nos pressupostos do Funcionalismo Lingüístico, inicia opondo modo e modalidade, passando, em seguida, para uma breve explanação sobre a concepção desta última categoria sob a perspectiva funcionalista. Por fim, conduzo a análise das duas formas do pretérito perfeito presentes em dois *corpora*: Preseea e Coser.

**Palavras-chave:** Modalidade epistêmica. Pretéritos perfeito simples e perfeito composto. Língua espanhola.

#### **Abstract**

Regarding the discursive properties of the simple past and of the present perfect in Spanish language, in this paper, I propose to analyze modality as an important variable in the act of choosing one of these verbal forms. In the argument, based on the assumptions of Functional Linguistics, I will first consider the opposition inherent between mood and modality. Secondly I will posit a brief discussion regarding the conception of this last category within the Functionalist perspective. And lastly, I will conduct an analysis of the two forms of the past perfect presents in the two linguistic samples: Preseea and Coser.

**Keywords:** Epistemic modality. Simple past and present perfect. Spanish Language

## **1 INTRODUÇÃO**

Compreender os valores discursivos das duas formas do pretérito perfeito do indicativo em espanhol não é tarefa fácil para falantes nativos do português, especialmente. Comumente, superestima-se a categoria tempo na oposição entre os dois pretéritos: no passado próximo, emprega-se o perfeito composto (PC), e, no passado remoto, o perfeito simples (PS) – diferenciação presente em: Alarcos Llorach (1984; 2001); Bello (1979); Gutiérrez Araus (1997; 2005); Rojo & Veiga (1999); entre outros.

---

<sup>1</sup> Agradeço: à Capes pelo apoio financeiro, e à Professora Dra. Edair Maria Görski pela leitura atenta deste trabalho e pelas discussões no Seminário de Especialidade em Modalidade, oferecido no Programa de Pós-graduação em Lingüística da Universidade Federal de Santa Catarina em 2008/01. (leandraletras@hotmail.com)

Oliveira (2007) mostra, contudo, que outras variáveis parecem atuar na escolha por uma dessas formas verbais; dentre elas, destacam-se o contexto geográfico e a categoria aspecto. Ainda que, naquela investigação, a variação geográfica tenha se mostrado fator importante, e que o aspecto tenha dado conta de justificar alguns usos de PS e PC, diversos dados ficaram encobertos, ficando à espera de novas análises que pudessem apontar a atuação de outras variáveis independentes.

Na tentativa de averiguar o maior número possível de variáveis atuando sobre o uso dos dois pretéritos, lanço, agora, um olhar sobre a modalidade a fim de verificar se essa categoria participa na oposição PS/PC. Vale destacar que essa nova perspectiva surge a partir da discussão de Godoy & Dias (2003), cuja hipótese é a de que a escolha por uma das formas do pretérito perfeito está relacionada à pressuposição do falante. Antecipando o debate da seção 2, para essas autoras, o contexto de dúvida favorecerá o uso do perfeito composto, e o contexto de certeza, o perfeito simples.

Apoiando-me nos postulados teóricos do Funcionalismo Lingüístico, analiso os dois pretéritos em dois contextos interrogativos: perguntas do tipo sim/não (*yes/no questions*) e perguntas do tipo *wh* (*wh-questions*). Desta forma, poderemos verificar se as diferentes modalidades previstas para esses tipos de sentenças não-declarativas (cf. Givón, 2001) têm influência na escolha por PS ou PC. Os dados observados estão inseridos em entrevistas sociolingüísticas presentes em dois *corpora*: Preseea – espanhol peninsular urbano; Coser – espanhol peninsular rural.<sup>2</sup>

## 2 MODO E MODALIDADE

Em síntese, modo costuma ser tratado como uma categoria gramatical expressa, em muitas línguas, pela desinência verbal. A partir de estudos gramaticais espanhóis, Castronovo (1990) apresenta uma série de definições para a ‘categoria verbal de modo’:

- i) Vicente Salvá (1830 *apud* CASTRONOVO, 1990, p. 66): modo significa “*la manera con que al hablar consideramos la significación del verbo*”. Para esse autor, há quatro modos verbais (infinitivo, indicativo, subjuntivo e imperativo).
- ii) Andrés Bello (1847 *apud* CASTRONOVO, 1990, p. 67): modo serve “*para indicar operaciones del entendimiento o emociones del ánimo*”. Através da divisão dos morfemas verbais em vários grupos, conforme seu significado, Bello reconhece quatro modos: infinitivo, indicativo, subjuntivo e imperativo.
- iii) Real Academia Espanhola (1890 *apud* CASTRONOVO, 1990, p. 70): seguindo o postulado de Nebrija<sup>3</sup>, apresenta uma perspectiva semântica da categoria modo “*maneras generales de significar la acción del verbo*”, admitindo, também, os quatro modos mencionados acima.
- iv) Lenz (1920 *apud* CASTRONOVO, 1990, p. 75): considera o modo como uma categoria verbal a serviço da atitude subjetiva do falante. Para Lenz, há

<sup>2</sup> Mais informações em: <http://www2.uca.es/grup-invest/semainein/Proyectos/Preseea.htm> (Preseea); <http://pidweb.ii.uam.es/coser/contenido.php?es&proyectos> (Coser).

<sup>3</sup> Antonio de Nebrija é autor da primeira Gramática Castelhana (1492) registrada oficialmente.

três modos: indicativo, que expressa “*juicios asertorios*” (fatos reais); o subjuntivo, que expressa “*juicios problemáticos*” (fatos possíveis ou duvidosos) e “*juicios apodícticos*” (fatos desejáveis ou necessários); por fim, o imperativo.

Como podemos observar nessas concepções, a categoria modo está atrelada à morfologia: a flexão verbal a serviço do ponto de vista subjetivo de quem enuncia. Assumindo que modo é uma categoria morfológica expressa, especialmente, pelo verbo, assim como tempo e aspecto também o são (PALMER, 1986; FLEISCHMAN, 1982)<sup>4</sup>, podemos argumentar que tal categoria não tem influência sobre PS e PC, já que ambas são morfologicamente marcadas como formas do modo indicativo.

Vale ressaltar que o modo pode, frequentemente, conduzir a uma interpretação equivocada do ‘ponto de vista subjetivo do falante’. A gramática e diversos manuais didáticos costumam relacionar os modos subjuntivo e indicativo a expressões de dúvida e certeza, respectivamente. Na verdade, essa distribuição *realis vs. irrealis* não se relaciona semanticamente ao verbo, apenas, mas a todo o enunciado, ou seja, a um contexto mais amplo. Em outras palavras, a atitude subjetiva do falante frente a seu enunciado será determinada não pelo modo, mas pela modalidade – categoria que discuto a seguir.

Diversos pesquisadores reconhecem a expressão discreta do domínio funcional modalidade. Bybee (1998, p. 262), por exemplo, argumenta que a modalidade não tem uma expressão tão clara quanto o tempo e o aspecto o tem. De forma análoga, Palmer (1986) também reconhece que a caracterização da modalidade é menos óbvia comparada a outras categorias: tempo, aspecto, número, e gênero. O que se pode observar com esses posicionamentos teóricos é que a modalidade não é facilmente captada; diferente do que ocorre com o modo, que, no caso do português e de diversas outras línguas, aparece codificado no verbo.

Ao definir a modalidade, Palmer (1986) e Lyons (1977) reconhecem essa categoria como ‘a gramaticalização das atitudes e opiniões subjetivas do falante’, conforme Bybee *et. al.* (1994, p. 176). Nessa mesma perspectiva, Givón (2001, p. 300) afirma que a modalidade codifica a atitude do falante frente ao conteúdo veiculado pela proposição. Em geral, a atitude do falante é dividida em dois tipos de julgamento:

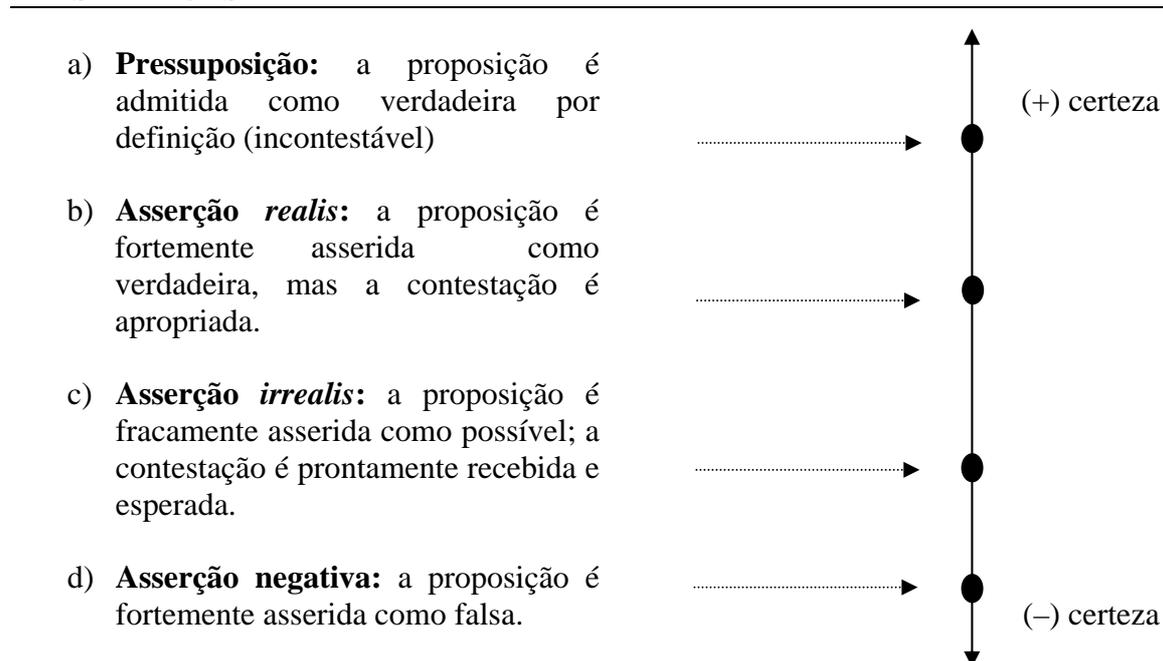
- i) julgamento epistêmico: verdade, probabilidade, certeza, crença, evidência;
- ii) julgamento avaliativo (deôntico): desejo, preferência, intenção, habilidade, obrigação, manipulação.<sup>5</sup>

Segundo Givón (p. 302), a modalidade epistêmica recobre um gradiente de grau de certeza:

<sup>4</sup> “*Mood refers to a particular formal (morphological) category of the verb which has a modal function (...) generally involves a distinct set of verbal paradigms, e. g. indicative, subjunctive, imperative, optative, conditional...*” (FLEISCHMAN, 1982, p. 13).

<sup>5</sup> Bybee *et. al.* (1994) apresentam três tipos de modalidade: orientada para o agente (a exigência, por exemplo), orientada para o falante (o desejo, por exemplo) e a epistêmica; Lembrando que as duas primeiras representam uma subdivisão da modalidade deôntica de Givón.

## QUADRO 1 – GRADIENTE DE CERTEZA DAS MODALIDADES EPISTÊMICAS



O autor lembra, ainda, que o contraste *realis* e *irrealis* não é entre situações reais e irreais, isto é, asserções com ou sem valor de verdade. O foco da oposição muda:

- cognitivamente: da verdade lógica para a certeza subjetiva
- comunicativamente: da semântica orientada para o falante para a pragmática interativa, envolvendo uma negociação social entre os participantes (GIVÓN, 2001, p. 302).

Como se pode observar, a modalidade é uma categoria necessariamente dependente do contexto de interação, não necessariamente relacionada à marcação gramatical. Vale acrescentar, ainda, que a modalidade é uma categoria altamente previsível e universal, embora exista uma grande quantidade de formas para codificar *realis* e *irrealis* nas línguas naturais, conforme Givón (2001, p. 302) e Fleischman (1995, p. 522).

A discussão sobre modo/modalidade não encerra aqui. Diversos estudos têm se dedicado a analisar a modalidade mostrando as complexidades dessa categoria (BYBEE *et. al.*, 1994; BYBEE & FLEISCHMAN, 1995; FLEISCHMAN, 1995; GIVÓN, 2001; PALMER, 1986; SWEETSER, 1990, entre outros). Apresento essa breve aclaração para tratar da possível oposição modal entre PS e PC, tomando como base o estudo de Godoy & Dias (2003).

### 3 A ATITUDE SUBJETIVA DO FALANTE FRENTE AO USO DE PS E PC

Como mencionado anteriormente, não há diferença entre o perfeito simples e o perfeito composto do espanhol considerando a categoria modo. Por outro lado, nesta seção, mostro que é razoável pensar na oposição dessas formas verbais via modalidade epistêmica.

Godoy & Dias observam a atitude subjetiva do falante atuando no uso dos dois pretéritos. A partir de uma perspectiva cognitiva baseada no conceito de *espacio mental* da semântica cognitiva de Fauconnier (1997 *apud* GODOY & DIAS, 2003, p. 54), as autoras conjecturam que a oposição entre PS e PC está fundamentada na pressuposição do falante. Em outras palavras, as duas formas podem apresentar um contraste modal. O exemplo que serve como introdução da análise é:

- (1) *Es muy probable que el freezer ya esté en su casa bajo la forma de un compartimiento separado de su refrigerador o como un modelo individual de gran tamaño. Y también es casi seguro que su esposa ya **ha comprado** algunos de los libros que enseñan a congelar la comida, o quizás inclusive haya seguido un curso especial con el mismo fin.*<sup>6</sup>

Segundo as autoras, o enunciado evidencia um forte grau de incerteza, que, segundo Mejías-Bikandi (1998 *apud* GODOY & DIAS, 2003, p. 55), é próprio do subjuntivo – modo empregado quando “*el hablante no está seguro sobre la realización de un evento*”. No fragmento acima, *ha comprado* indica um valor modal de PC, já que representa a atitude de incerteza do falante. Esse contexto de dúvida pode ser recuperado através dos recursos léxicos “*es muy probable*” e “*casi seguro*”. Segundo as autoras, são recorrentes casos desse tipo, o que as leva a pressupor que esse valor modal de PC aparecerá em determinados contextos interrogativos:

- (2) *¿Como comparas tú el tiempo que tú salías con Jaime, cuando estaban de novios y cómo **han salido** tus hijos?*<sup>7</sup>

Segundo a análise das autoras, o contexto do enunciado mostra que o entrevistador de fato desconhece as características comportamentais dos filhos da interlocutora. Desta forma, a pergunta “*cumple su papel modal, puesto que indica el desconocimiento del hablante con respecto a algo*” – desconhecimento reforçado com o uso de PC (GODOY & DIAS, 2003, p. 55). Com base nessa exposição, pressupomos que a certeza do falante acerca de seu proferimento favoreceria o uso do perfeito simples (*salieron*).

É importante ressaltar que, conforme as autoras, nem todas interrogativas se relacionam com a atitude modal de incerteza, conforme mostra o exemplo a seguir:

- (3) [...] *Por ejemplo, aquí tengo una tarjeta, ¿quién **fue** el primero en dicer: Max, tú eres un monstruo? a) la comadrona, b) Máximo Pradera o c) una novia satisfecha.*<sup>8</sup>

Conforme Godoy & Dias, a pergunta em (3) tem um caráter retórico, já que se trata de um programa de televisão em que o emissor apresenta uma espécie de jogo. Na verdade, a pergunta nada tem a ver com o grau de certeza do falante. O emissor não possui nenhuma dúvida quanto à autoria da frase, pois, lembra Godoy & Dias, já tem a resposta em mãos (como costuma acontecer nesse tipo de jogo). Assim, o grau de certeza do falante o conduz a empregar *fue* (PS) e não *ha sido* (PC). As autoras aduzem que a oposição entre PS e PC em contextos do tipo exemplificado em (2) e (3) “*nos*

<sup>6</sup> Dado da Argentina, presente no *Corpus de la RAE* (GODOY & DIAS, 2003, p. 55).

<sup>7</sup> Dado da Bolívia, presente no *Corpus de la RAE* (GODOY & DIAS, 2003, p. 55).

<sup>8</sup> Dado da Espanha, presente no *Corpus de la RAE* (GODOY & DIAS, 2003, p. 55).

*lleva a suponer que, efectivamente, en determinados contextos la opción por una u otra forma se determina por la presuposición y el conocimiento compartido entre los interlocutores.*” (GODOY & DIAS, 2003, p. 56). Em outras palavras, aspectos cognitivos e comunicativos podem atuar sobre a oposição *realis* vs. *irrealis* como acontece nos exemplos acima. Essa conclusão a que chegam as autoras remete a Givón (2001, p. 302) ao afirmar que o foco da oposição entre *realis* e *irrealis* muda cognitivamente e comunicativamente, conforme vimos anteriormente.

Sobre a questão da modalidade no contexto interrogativo, vale mencionar a discussão proposta por Givón sobre as sentenças declarativas e não-declarativas. Neste momento, interessa-nos apenas a segunda. Conforme Givón (2001, p. 312), há três tipos principais de sentenças não-declarativas:

- |                          |   |                   |                                                  |
|--------------------------|---|-------------------|--------------------------------------------------|
| 1) Manipulativas         | → | <b>Comando:</b>   | 1.a) <i>Turn off the light!</i>                  |
|                          | → | <b>Pedido:</b>    | 1.b) <i>Could you please turn off the light?</i> |
|                          | → | <b>Exortação:</b> | 1.c) <i>Let's turn off the light?</i>            |
| 2) Perguntas sim/não:    |   |                   | 2.a) <i>Did she turn off the light?</i>          |
| 3) Perguntas <i>wh</i> : |   |                   | 3.a) <b>Who</b> bit the dog?                     |
|                          |   |                   | 3.b) <b>What</b> did the dog bite?               |
|                          |   |                   | 3.c) <b>Where</b> did she put the book?          |
|                          |   |                   | 3.d) <b>When</b> did he leave the house?         |
|                          |   |                   | 3.e) <b>Why</b> did she quit her job?            |

Para Givón, apenas as sentenças não-declarativas do tipo em (1) e (2) estão sob o escopo do *irrealis*. As manipulativas (*manipulatives*) são associadas ao *irrealis* porque tratam de eventos futuros, ou seja, que ainda não ocorreram. Além disso, atos de fala manipulativos estão relacionados com a modalidade deôntica, que, conforme lembra Givón, é um sub-modo do *irrealis*. As perguntas sim/não (*yes/no questions*) estão fortemente associadas ao *irrealis* devido a sua baixa certeza epistêmica (GIVÓN, 2001, p. 312).

O terceiro tipo de ato de fala não-declarativo, por outro lado, apresenta forte associação com a modalidade da pressuposição, que, conforme o quadro 1, é admitida como *realis* (verdade incontestável). Assim, dos exemplos apresentados em (3), pressupomos: 3a) *someone bit the dog*; 3b) *the dog chewed something*; 3c) *she put the book somewhere*; 3d) *he left the house sometime*; 3e) *she quit her job for some reason*. Essa é uma teoria que justifica o uso do perfeito simples no terceiro exemplo apresentado por Godoy & Dias – “¿...quién fue el primero en decir...?” –, já que se trata de uma pergunta *wh*, que por definição está sob o escopo da pressuposição (alguém disse “*Max, tú eres un monstruo*”). Logo, a modalidade *realis* desse tipo de pergunta pode ter conduzido o falante a empregar PS (*fue*) e não PC (*ha sido*), corroborando a hipótese das autoras.<sup>9</sup>

Com o objetivo de não limitar esta investigação a um debate teórico, decidi buscar evidências que rejeitem ou ratifiquem a hipótese das autoras. Desta forma, selecionei

<sup>9</sup> Ainda que Godoy & Dias não estejam fundamentadas no funcionalismo givoniano, a relação com a teoria de Givón parece pertinente nesta investigação.

duas entrevistas de *corpora* distintos: Presea e Coser, ambas desenvolvidas no contexto peninsular. A idéia inicial era selecionar as dez primeiras perguntas de cada amostra. Foi preciso, contudo, fazer alguns saltos a fim de contemplar perguntas do tipo *wh* – menos freqüentes nesse tipo de amostra comparado a perguntas do tipo sim/não. O interesse consistia em olhar para ambos os tipos de sentenças interrogativas, buscando relacionar os estudos de Godoy & Dias (2003) e Givón (2001). Se a teoria das autoras se confirma, perguntas sim/não deverão favorecer o uso do PC, já que estão sob o escopo do *irrealis*; e perguntas do tipo *wh*, o uso do PS, pois, como vimos, *wh-questions* estão relacionadas à pressuposição. Vale destacar que o interesse era olhar para as perguntas dos informantes. Contudo, em entrevistas sociolingüísticas, esse tipo de sentença é bastante escasso na fala do entrevistado, mas inevitável na fala do entrevistador, obviamente. Dessa forma, o foco da atenção estará na fala deste último, já que são também falantes nativos do espanhol.

#### 4 OS DOIS PRETÉRITOS EM *WH-QUESTIONS* E *YES/NO QUESTIONS*: ANÁLISE DOS DADOS

Início a análise apresentando parte de uma entrevista do *Corpus* Presea. Os dados a seguir apresentam as formas do pretérito perfeito em contexto interrogativos de acordo com a seqüência em que aparecem na amostra.

- (1) ¿**Has vivido** siempre en-?// bueno o sea/ **has nacido** en V?
- (2) ¿Cómo es que se **conocieron**?
- (3) ¿**Has notado** alguna evolución/ un cambio ...?
- (4) ¿Tú crees que se **ha perdido** eso?
- (5) ¿**Has salido** al extranjero también así o no?
- (6) ¿No **has estado**?
- (7) ¿Tú **has expuesto** algo?
- (8) ¿**Has pensado** vivir en Alcalá?
- (9) ¿Tú la **has vivido**?
- (10) ¿No te **decepcionó**?

As ocorrências acima mostram a tendência de perguntas do tipo sim/não serem mais recorrentes do que perguntas do tipo *wh* em entrevistas sociolingüísticas: dos dez primeiros dados encontrados, nove são *yes/no questions* e uma *wh-questions* (apenas a pergunta 2).

Quanto ao foco desta análise, como se pode observar, o perfeito composto é predominante nos exemplos acima, aparecendo o perfeito simples apenas nos exemplos em (2) e em (10). Deixando de lado, a princípio, esses dois dados da forma simples, podemos argumentar que os dois pretéritos podem se opor via modalidade: as perguntas do tipo sim/não, que, segundo Givón, estão sob o escopo do *irrealis*, favorecem o uso de PC (cf. verificamos em 1, 3, 4, 5, 6, 7, 8 e 9). Por outro lado, a única ocorrência de pergunta *wh* – tipo de sentença não-declarativa que está sob o escopo da pressuposição – apresenta PS, como evidência favorável à hipótese de Godoy & Dias: o alto grau de certeza do falante favorece o uso do perfeito simples (*conocieron* e não *han conocido*).

É importante frisar que várias outras perguntas do tipo *wh* aparecem na amostra; na maioria das vezes, acompanhadas dos tempos verbais presente e condicional, por exemplo:

- (11) *¿Cómo prefieres que te trate de tú o de usted?*
- (12) *¿Qué estudios tienes?*
- (13) *¿Cuál sería el barrio más pobre o cómo?*

Voltando aos dados do pretérito perfeito, verificamos que, de 1 a 9, a hipótese de *realis/PS* e *irrealis/PC* parece se sustentar. Em (10), porém, temos um contra-exemplo: a forma simples em uma pergunta do tipo *wh* (contexto *irrealis* por definição). A análise dessa ocorrência nos faz perceber a necessidade de um olhar mais aprofundado no contexto, o que nos obriga a sair do âmbito da sentença e buscar outras pistas num contexto mais amplo que justifiquem tal fenômeno. Observando o discurso do informante que precede a pergunta do entrevistador, percebe-se que a categoria tempo influencia o emprego da forma simples:

- (14) *sí sí/ gente muy snob y yo/ pues soy bastante humilde ¿no? a ese nivel/ me **costó** un poco adaptarme al principio pero luego no/ **acabé** la carrera y-/ y **saqué** algo beneficioso/// bien/ **tardé** siete años// fui a mi ritmo/ tampoco- tampoco **fui** a por ella así ¿no?/ **aprobé** y// todavía no tengo el título por cierto/ tengo que ir a pagarlo/ porque son doce mil pelas// me lo **saqué** hace cuatro ya// y:- y bien/ es una carrera interesante/// interesante sí*

A ocorrência em (14) é parte da narração do informante acerca de sua formação. Como se pode observar, trata-se de uma narrativa de eventos passados cuja forma verbal predominante é o perfeito simples (destacados no fragmento). Após a fala do informante, o entrevistador lança a próxima pergunta empregando PS, uma vez que o tempo do episódio é o mesmo: passado. Em outras palavras, o enunciado *¿No te decepcionó?* insere-se numa narração de episódios passados, o que justifica o uso de *decepcionó* e não *has decepcionado*.

Passando para a análise de uma entrevista do *corpus* Coser, verificam-se dois aspectos que se aproximam do exame anterior: i) perguntas do tipo sim/não são mais recorrentes, e ii) perguntas do tipo *wh* atraem outros tempos verbais diferentes daqueles discutidos neste trabalho:

- (15) *¿Y **quién** se **encarga**, esa...?* (presente do indicativo)
- (16) *¿Y **qué** **hacían** con, **qué** **sacaban** de las ovejas?* (pretérito imperfeito do indicativo)

Apresento alguns exemplos de PS e PC em contextos interrogativos numa entrevista do *Corpus oral y escrito del español rural* (Coser):

- (17) *¿Y alguna vez **han cortado** alguna... oveja?*
- (18) *¿La lana no la, no... no la **han utiliza**...?*
- (19) *¿Y **qué hizo**, **qué hizo** usted?*
- (20) *¿Y gallinas **han tenido**?*

- (21) ¿Y, **han hecho** alguna vez pan ustedes?  
 (22) ¿Y ustedes **han consumido** alguna vez leche de, de oveja?  
 (23) ¿Y usted **vivió** la guerra?, ¿le **tocó** la guerra a usted también?  
 (24) ¿Dónde **vinieron**, de León...?  
 (25) ¿Qué **hicieron** para la fiesta?  
 (26) ¿Quién **hizo** las carteras a tus hermanos?

Comparado à entrevista do *Corpus Preseea*, observa-se um aumento de perguntas do tipo *wh* no *Corpus Coser*; temos agora quatro dados (19, 24, 25 e 26), estando ambos na direção da hipótese inicial: *wh-questions* (pressuposição – *realis*) favorecem o uso do perfeito simples (*qué hizo*; *dónde vinieron*; *qué hicieron*; *quién hizo*). Cinco dos demais dados também apontam a relevância em se pensar na categoria modalidade ao analisar os dois pretéritos. Os enunciados em 17 e 18 e de 20 a 22 são uma evidência que perguntas do tipo sim/não (*irrealis* por definição, cf. Givón, 2001) favorecem o uso de PC – forma verbal que, segundo Godoy & Dias, denota a atitude de incerteza do falante.

Na seqüência de dados acima, aparece, entretanto, um contra-exemplo: a *yes/no question* em (23), ao contrário do esperado, apresenta o perfeito simples “¿Y usted *vivió* la guerra?, ¿le *tocó* la guerra a usted también?”. Partindo da teoria de Givón, assume-se que esse tipo de pergunta insere-se na modalidade epistêmica do *irrealis*, ou seja, expressa um baixo grau de certeza do falante. Esse contexto de dúvida favoreceria o uso de *ha vivido* e não de *vivió*, seguindo a proposta de Godoy & Dias (2003). Nesse âmbito, mais uma vez, admite-se a necessidade de buscar outras categorias que possam nos ajudar a compreender o uso de PS num contexto em que o esperado seria PC. O tema introduzido pelo entrevistador é a Guerra Civil Espanhola, ocorrida na Espanha entre os anos de 1936 e 1939, ou seja, cinco décadas antes da entrevista.<sup>10</sup> Logo, pode-se pensar que a categoria tempo mais uma vez tenha se sobreposto à ‘atitude subjetiva do falante’. Em outras palavras, o fato de o evento em questão ter ocorrido em um passado remoto teria conduzido o falante a usar o pretérito perfeito simples.

Não se pode ignorar, no entanto, a possibilidade de a modalidade estar atuando no enunciado em (23), ainda que esse dado retifique o exposto até aqui. Embora tenhamos uma pergunta do tipo sim/não (*irrealis*, cf. Givón), sabe-se que, na verdade, o entrevistador está seguro que a resposta será afirmativa, pois a faixa etária de oitenta anos o leva a ‘pressupor’ que a informante espanhola vivenciou a Guerra Civil ocorrida na segunda metade da década de trinta. Na verdade, a pergunta não tem nada a ver com a dúvida do entrevistador; é, senão, uma estratégia que este utiliza para levar o informante a falar com maior espontaneidade de fatos que ele vivenciou – metodologia recorrente em entrevistas sociolinguísticas. Desta forma, pragmaticamente, pode-se dizer que o uso do perfeito simples em (23) aproxima-se mais da modalidade epistêmica do *realis* do que da do *irrealis*.

<sup>10</sup> O período de gravação das entrevistas que constituem o Coser foi de 1991 a 1993.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, em face do acima exposto, convém argumentar que a escolha por uma das duas formas do pretérito perfeito em espanhol pode ser influenciada pela atitude subjetiva do falante, codificada não pela categoria modo (apenas), mas pela categoria modalidade. Tal afirmação justifica: i) o uso do perfeito simples em dados como “¿*Qué hicieron para la fiesta?*”, visto que se trata de uma *wh-question*, que, conforme a teoria givoniana, está sob o escopo da pressuposição (pressupõe-se que ‘algo foi feito para a festa’); e ii) o uso do perfeito composto em *yes/no question* “¿*Has pensado vivir en Alcalá?* – sentença não-declarativa que está sob o escopo do *irrealis*. Logo, considerando os estudos de Givón (2001) e Godoy & Dias (2003), é plausível pensar que a percepção do falante frente a seu enunciado pode ser relevante na escolha por uma das formas do pretérito perfeito: o alto grau de certeza favorecerá o uso da forma simples; e o contexto de dúvida, a forma composta.

É arriscado, porém, defender que a modalidade é fator decisivo na escolha por uma das formas pretéritas. Como vimos em (10), a hipótese não se sustenta em todos os contextos. Nesse caso, a categoria tempo parece ter sido decisiva na escolha por “*decepcionó*” no lugar de “*ha decepcionado*”. No entanto, vale acrescentar que esse olhar para além da categoria tempo – a mais prestigiada nos estudos sobre os dois pretéritos – favorece uma melhor compreensão dos valores discursivos de PS e PC.

## REFERÊNCIAS

- ALARCOS LLORACH, E. **Gramática funcional del español**. Madrid: Gredos, 1984.
- \_\_\_\_\_. **Gramática de la lengua española**. España: Consejería de Educación, 2001.
- BELLO, A. Análisis ideológico de los tiempos de la conjugación castellana. In: \_\_\_\_\_. **Obra Literaria**. Caracas: Ayacucho, 1979 [1810], p. 415-459.
- BYBEE, J. L. Irrealis as a grammatical category. **Anthropological Linguistics**. Vol. 40. N. 02. Bloomington: Indiana University, 1998.
- BYBEE, J.; PERKINS, R.; PAGLIUCA, W. **The evolution of grammar: tense, aspect, and modality in the language of the world**. Chicago: The University of Chicago Press, 1994.
- BYBEE, J.; FLEISCHMAN, S. **Modality in grammar and discourse**. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, 1995.
- CASTRONOVO, B. J. La categoría verbal de modo en la tradición gramatical española. In: BOSQUE I. **Indicativo y subjuntivo**. Madrid: Taurus, 1990, p. 66-79.
- FERNÁNDEZ-ORDÓÑEZ, I. **Corpus oral y sonoro del español rural**. Madrid: Universidad Autónoma de Madrid, 2005.

FLEISCHMAN, S. **The future in thought and language**. Cambridge: Cambridge University Press, 1982, p. 07-16.

\_\_\_\_\_. Imperfective and irrealis. In: BYBEE J.; FLEISCHMAN S. (Eds.). **Modality in Grammar and Discourse**. Amsterdam: J. Benjamins, 1995, p. 519-554.

GIVÓN, T. Tense, aspect and modality I: functional organization. In: \_\_\_\_\_. **Syntax – an introduction**. V.1. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, 2001, p.285-335.

GODOY, E.; DIAS, L. S. **La oposición modal de los pretéritos perfecto compuesto y simple des español: una perspectiva cognitiva**. Anuario Brasileño de Estudios Hispánicos, n. 1. Madrid, 1990, p. 53-65.

GUTIÉRREZ ARAUS, M. L. **Formas temporales del pasado en indicativo**. Madrid: Arco Libros, 1997.

\_\_\_\_\_. **Problemas fundamentales de la gramática del español como segunda lengua**. Madrid: Arco Libros, 2005.

MORENO FERNÁNDEZ, F.; CESTERO MANCERA, A. M.; MOLINA MARTOS, I.; PAREDES GARCÍA, F. **Corpus PRESEEA-ALCALÁ**. Proyecto para el estudio sociolingüístico del español de España y América. Hablantes de instrucción superior. Alcalá de Henares: Universidad de Alcalá, 2002.

OLIVEIRA, L. C. **As duas formas do pretérito perfeito em espanhol: análise de corpus**. Dissertação de Mestrado. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2007.

PALMER, F.R. The definition of modality. In:\_\_\_\_\_. **Mood and modality**. Cambridge: Cambridge University Press, 1986, p. 14-22.

ROJO, G.; VEIGA, A. El tiempo verbal. Los tiempos verbales. In: BOSQUE & DEMONTE. **Gramática descriptiva de la lengua española**. Madrid: Espasa, 1999, p. 2869-2933.

SWEETSER, E.E. Modality. In:\_\_\_\_\_. **From etymology to pragmatics: metaphorical and cultural aspects of semantic structure**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990. p.49-75.

<http://www2.uca.es/grup-invest/semainein/Proyectos/Preseea.htm>. Acesso em: agosto de 2008.

<http://pidweb.ii.uam.es/coser/contenido.php?es&proyectos>. Acesso em: agosto de 2008.

*Original recebido em: 02/10/2008*

*Texto aprovado em: 04/11/2008*